

Capital S/A

SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br

“Nunca nos preocupamos com a crise. Olhamos da porta para dentro. Aprendi com meu pai a frase: devagar se vai ao longe”

Alexandre Birman, CEO da Arezzo

Desafio tecnológico até 2027: requalificar 636 mil trabalhadores no país

Em 2024, o Senai identificou o crescimento de áreas tecnológicas e sustentáveis. Em convergência com as demandas globais, desenvolveu cursos que abordam inteligência artificial, transformação digital, meio ambiente e economia verde. Essas áreas são consideradas emergentes e estratégicas. “O Brasil tem uma demanda enorme por qualificação e requalificação de profissionais até 2027. Na área de tecnologia da informação, por exemplo, precisamos atualizar mais de 636 mil trabalhadores”, explica o superintendente de Educação Profissional e Superior do Senai, Felipe Morgado.

Shutterstock



Senai/Divulgação



Preparação para o futuro

Para acelerar esse processo, o Senai está oferecendo cursos que incorporam as mais recentes inovações. “Eles refletem o compromisso da instituição com a formação de profissionais prontos para o futuro”, reforça Morgado.

Evento de aniversário

Hoje, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) comemora 83 anos de história. E fará a live shopping especial: Futuro Day. A partir das 19h, especialistas vão apresentar cursos técnicos nas áreas mais demandadas pela indústria, como logística, transporte, construção e operação industrial.

Cursos por R\$ 9,90

Além disso, durante a live, a primeira mensalidade de todos os cursos técnicos do Senai sairá por R\$ 9,90. Acesse a página do Futuro Day para saber mais e fazer inscrição.

73 milhões
de pessoas qualificadas

85% dos ex-alunos conseguem se inserir no mercado de trabalho em até um ano após a conclusão do curso

Com Alexandre Birman no showroom da Arezzo

O vice-presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas do DF (CDL-DF), Maurício Rodrigues dos Santos, é um empresário que sabe bem do dia a dia dos empreendedores do comércio, e a família segue os passos. Ele é dono de quatro lojas franqueadas da Arezzo em Brasília. A esposa Isabelle Santos (E) e a filha Lays Rodrigues (D) também têm seus negócios no setor de moda feminina. Na semana passada, estiveram com Alexandre Birman (C), em São Paulo. Foram ao showroom da Arezzo escolher os produtos para a coleção Inverno 2025, incluindo o Dia das Mães, que vêm para Brasília. Birman é CEO da Arezzo e está nas marcas do grupo Anacapri, Reserva, Schutz e Vans, entre outras, além daquelas herdadas da fusão com o Grupo Soma, como Farm e Hering.

Arquivo pessoal



Carlos Vieira/CB Press

Atualização da tabela do Simples pelo GDF

Na esfera institucional, Maurício, que assumiu a nova diretoria da CDL com Eduardo Pereira Neto na presidência, engrossa o coro para a atualização do Simples no DF. O pedido é para que o GDF acompanhe a tabela do governo federal, que passou, há alguns anos, a faixa de enquadramento das empresas no Simples de R\$ 3,6 milhões de faturamento/ano para R\$ 4,8 milhões/ano. Isso possibilitaria que mais empresas fossem consideradas micro e pequenas, podendo aderir ao Simples em nível local. Isso, segundo ele, daria mais fôlego para os varejistas brasilienses até a reforma tributária ser realmente implantada.

Regularização de guaritas e cercamentos de condomínios horizontais

Projeto de lei do GDF, que já está na Câmara Legislativa, regulariza guaritas e cercamentos de condomínios horizontais instalados até 2021. Se o requerente comprovar que já tinha aquilo estabelecido anteriormente à data definida, vai ser legalizado. “Mas se, eventualmente, o estudo técnico identificar que aquele fechamento gera problemas, principalmente viários para a região, aí a gente vai propor algumas medidas mitigadoras”, explicou à coluna o secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Marcelo Vaz.



DA/CBPRESS

Duas modalidades: acesso controlado ou fechado

O loteamento poderá optar por acesso controlado, em que mediante identificação do visitante, ele não pode ser barrado, no caso de haver áreas públicas dentro do condomínio. Ou pelo acesso fechado, em que não moradores podem ser barrados na entrada. “Mas, neste caso, a área pública tem que ser objeto de uma concessão de uso exclusivo, em que o condomínio vai pagar pelo uso exclusivo daquela área. Nessa modalidade, ele consegue barrar, de fato, a entrada de não moradores”, esclareceu Vaz.



Iniciativas ajudam a mudar a realidade de jovens e adultos que, por razões diversas, deixaram os estudos

O desafio do recomeço escolar

» GIOVANNA SFALSIN*

O Distrito Federal destaca-se como uma das unidades federativas com o maior índice de alfabetização do Brasil: 97,2% da população sabe ler e escrever, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). No entanto, isso ainda deixa mais de 63 mil pessoas analfabetas na capital do país. Dentre elas, a maioria é composta por idosos e pessoas em situação de vulnerabilidade social, que enfrentam barreiras diárias desde a dificuldade em interpretar placas até acessar serviços básicos.

Segundo Paula Cobucci, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), há diferentes motivos que levam jovens, adultos ou idosos a abandonarem a escola ou serem abandonados por ela. Muitas pessoas deixam de estudar na infância ou juventude por necessidades diferentes, como trabalhar para ajudar a família ou morar longe das escolas.

“Cada ser humano é único e tem uma história de vida, mas algumas histórias se repetem, mesmo com suas especificidades. Milhares de mulheres abandonaram a escola por medo ou vergonha, porque engravidaram e pela necessidade de cuidar do filho. Outras enfrentaram o sentimento de não pertencimento ou foram impedidas de permanecer por falta de adaptação às suas necessidades educacionais específicas”, explica Paula.

Segundo a psicóloga clínica e neuropsicóloga Juliana Gebrim, o analfabetismo funcional está relacionado a um ciclo de ansiedade, baixa autoestima e, em casos mais graves, sintomas depressivos. “A pessoa tenta lidar com as situações da melhor forma possível, mas, ao perceber que os resultados não saem co-

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press



Luciene Maria e Lucília Ribeiro, ambas de 60 anos, tiveram as vidas transformadas pela educação

mo esperado, pode se frustrar profundamente. Isso intensifica um ciclo de insegurança e tristeza, pois a pessoa começa a duvidar da própria habilidade e capacidade de realizar tarefas”, explica Juliana.

Transformando vidas

Para Juliana Gebrim, o analfabetismo funcional afeta as relações sociais e familiares. “As pessoas nessas condições costumam ser mal compreendidas e, muitas vezes, rotuladas de forma negativa. O ambiente social pode marginalizar ou excluir o indivíduo, levando ao isolamento, tanto por parte da pessoa quanto das pessoas ao redor. Por isso, é preciso criar ambientes acolhedores e sem julgamentos para que essas pessoas superem o medo e a resistência de buscar a alfabetização”, destaca a psicóloga.

Iniciativas como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e projetos voluntários vêm transformando vidas e ajudando a promover a inclusão social. Entre 2019 e 2024, mais de 199 mil estudantes se matricularam na EJA no DF, que hoje conta com cerca de 25 mil alunos em 101 escolas espalhadas pelas regiões administrativas. A modalidade é dividida em três segmentos: alfabetização e anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Essa divisão permite que estudantes em diferentes níveis de escolaridade possam progredir até a conclusão da educação básica.

Para Lilian Sena, diretora da EJA na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), a descentralização das escolas é essencial para atender as necessidades dos alunos.

“Muitos estudantes da EJA são trabalhadores que têm família e precisam de escolas próximas às suas casas ou empregos para que possam frequentar as aulas”, explica.

Além disso, desde o ano passado, o programa DF Alfabetizado passou a atender adultos e idosos em locais como igrejas, centros comunitários e unidades do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), adaptando a oferta educacional às condições dos alunos. No último semestre de 2024, o programa abriu 50 turmas, atendendo cerca de 1.200 pessoas, e novas turmas já estão previstas para 2025.

As matrículas são gratuitas e podem ser feitas durante todo o ano letivo. É necessário procurar a instituição de ensino responsável pelo programa na sua região, portando os documentos solicitados.



Elma Almeida trabalha no Centro de Educação e Cultura Nação Zumbi

A partir das vivências

Outro exemplo de luta contra o analfabetismo no DF é o projeto desenvolvido pelo Centro de Educação e Cultura Nação Zumbi, em São Sebastião. Fundado por Silvana Gomes em 1993, o centro tem como foco a alfabetização de adultos por meio de uma abordagem centrada nas vivências dos estudantes, baseada na pedagogia de Paulo Freire. Além disso, o espaço também oferece oficinas e cursos como crochê, costura, bordado e percussão, que ajudam os participantes a aprenderem um ofício e gerarem renda.

Segundo a educadora Elma Almeida, o projeto conta com apoio do Movimento de Educação de Base (MEB), que fornece materiais pedagógicos e suporte técnico. “As aulas são estruturadas a partir de rodas de conversa e temas do cotidiano dos alunos. Tra-

balhamos leitura, escrita e cálculos básicos, mas também promovemos atividades comunitárias e passeios pedagógicos”, destaca.

Alunas como Luciene Maria da Conceição e Lucília Ribeiro de Athayde, ambas com 60 anos e moradoras de São Sebastião, são exemplos de como o projeto pode mudar vidas. “Antes, eu era analfabeta, não sabia de nada. Agora, já aprendi a ler, escrever e até costurar e bordar. Isso ocupa a nossa mente e nos dá mais incentivo para buscar coisas novas”, conta Luciene. “Nós gostamos muito daqui. Fico muito feliz que a professora tem paciência para nos ensinar e explicar. Temos avaliações. A gente conversa, ri. Temos contato com outras pessoas que são como nós”, conclui Lucília.

*Estagiária sob a supervisão de Patrick Selvatti